

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

DAVID OLIVEIRA ROCON

**IMPACTOS FORMATIVOS DO PET EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFES:
UM OLHAR SOBRE A EXPERIÊNCIA DOS SEUS BOLSISTAS**

VITÓRIA – ES

2025

DAVID OLIVEIRA ROCON

**IMPACTOS FORMATIVOS DO PET EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFES:
UM OLHAR SOBRE A EXPERIÊNCIA DOS SEUS BOLSISTAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Jean Carlos Freitas Gama

VITÓRIA – ES

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu orientador, professor Jean, que foi primordial para o desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço a toda disponibilidade e auxílio no desenvolvimento do meu TCC, é inspirador ter professores como o senhor durante a graduação.

A minha família, em especial a minha madrinha, Marilene, que além de ser minha tia, é minha mãe. Eu me sinto muito sortudo de ter você na minha vida, tia. Também agradeço ao meu pai, que sempre me apoiou nas decisões que tomei e me passou segurança para trilhar meu caminho

A minha namorada, por sempre estar do meu lado me apoiando academicamente ao longo destes seis anos de relacionamento. Você é minha força quando eu não tenho forças, minha inspiração quando não estou inspirado. Obrigado por tudo

Ao FNDE e ao MEC pelo investimento financeiro posto a mim, durante minha passagem no PET Educação Física.

Aos meus colegas petianos que tive contato durante meu período no PET.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo analisar, a partir da organização interna do Programa de Educação Tutorial em Educação Física (PET EF) da Universidade Federal do Espírito Santo, de que maneira o programa impacta a formação de seus bolsistas, considerando as percepções dos próprios participantes. De natureza qualitativa e abordagem descritivo-interpretativa, a pesquisa utilizou a análise documental e de conteúdo, tendo como fontes documentos institucionais, registros de atividades e narrativas coletadas por meio de questionário aplicado a 15 petianos e egressos do grupo. Os resultados evidenciam que o PET EF exerce papel significativo na formação acadêmica, profissional e pessoal dos bolsistas, destacando-se pela oferta de vivências práticas, contato com diferentes públicos, estímulo à autonomia e desenvolvimento de competências interpessoais, muitas vezes não contempladas pela graduação. Observou-se predominância de ações de extensão articuladas ao ensino, com menor ênfase em atividades de pesquisa. Foram identificados impactos positivos na consolidação de saberes relacionais, habilidades técnicas e visão ampliada de universidade, bem como desafios relacionados à conciliação de demandas, superação da zona de conforto, valor da bolsa e baixa participação em ações investigativas. Conclui-se que o PET EF configura-se como um projeto formador com grande potencial, cuja efetividade depende da postura ativa do bolsista e do equilíbrio entre ensino, pesquisa e extensão, contribuindo para a formação integral e para o fortalecimento do compromisso social da universidade pública.

Palavras-chave: PET Educação Física, Petianos, Impactos Formativos, Trajetória universitária.

ABSTRACT

The present Undergraduate Thesis aimed to analyze, based on the internal organization of the Tutorial Education Program in Physical Education (PET EF) at the Federal University of Espírito Santo, how the program impacts the training of its scholarship holders, considering the perceptions of the participants themselves. With a qualitative nature and a descriptive-interpretative approach, the research employed documentary and content analysis, using institutional documents, activity records, and narratives collected through a questionnaire administered to 15 current and former PET members. The results show that PET EF plays a significant role in the academic, professional, and personal development of its participants, standing out for offering practical experiences, contact with diverse audiences, encouragement of autonomy, and the development of interpersonal skills often not covered in the undergraduate curriculum. The study observed a predominance of extension activities integrated with teaching, with less emphasis on research-related actions. Positive impacts were identified in consolidating relational knowledge, technical skills, and an expanded view of the university, as well as challenges related to balancing demands, overcoming the comfort zone, scholarship value, and low participation in investigative activities. It is concluded that PET EF constitutes a formative project with great potential, whose effectiveness depends on the active engagement of the scholarship holder and the balance between teaching, research, and extension, contributing to comprehensive education and strengthening the social commitment of the public university.

Keywords: PET Physical Education, PET members, Formative Impacts, University Trajectory.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	7
2.	METODOLOGIA.....	9
3.	ANÁLISE E DISCUSSÃO	11
3.1	Uma narrativa micro histórica e cultural: com “a palavra” os documentos	11
3.2	Discursos, sentidos e representações: com a palavra os petianos	13
3.2.1	Motivações e aproximações do petiano com o programa	16
3.2.1.1	INFLUÊNCIA DE AMIGOS.....	16
3.2.1.2	ATIVIDADES DO PET EF	17
3.2.1.3	BOLSA.....	17
3.2.1.4	VIVER A UNIVERSIDADE.....	18
3.2.1.5	VIVÊNCIAS ACADÊMICAS COMPLEMENTARES	19
3.2.2	Impactos e contribuição na formação	19
3.2.3	Desafio encontrados	25
3.2.3.1	DIFICULDADES AO CONCILIAR O PET COMO O COTIDIANO	26
3.2.3.2	SAIR DA ZONA DE CONFORTO.....	27
3.2.3.3	VALOR DA BOLSA	28
3.2.3.4	PESQUISA.....	29
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS DOS/COM PETIANOS.....	31
4.1	O que é ser Petiano?.....	31
4.2	O que é PET?	33
5.	REFERÊNCIAS	36
6.	APENDICE	39

1. INTRODUÇÃO

O Programa de Educação Tutorial (PET) é uma iniciativa voltada à formação acadêmica de estudantes de graduação, por meio de atividades que articulam os três pilares do ensino superior: ensino, pesquisa e extensão. Criado em escala nacional em 1979, o PET fazia parte de um conjunto de programas voltados à melhoria da qualidade do ensino superior brasileiro, tendo como proposta inicial a formação de uma “elite intelectual” (Castro, 1994; Dessem, 1995; Gama, 2018). Com o passar dos anos, o programa passou por mudanças significativas, incluindo a alteração de seu nome original: Programa Especial de Treinamento, refletindo também uma mudança de caráter: de um modelo voltado à excelência seletiva para uma formação mais ampla e democrática dos bolsistas.

Atualmente, o funcionamento do PET é orientado pelo Manual de Orientações Básicas (MOB), que estabelece diretrizes gerais, objetivos, estrutura organizacional, atribuições e procedimentos para os grupos PET. Segundo o MOB (BRASIL, 2006), o objetivo central do programa é proporcionar uma formação acadêmica de qualidade aos seus integrantes, estimulando o desenvolvimento de habilidades que ultrapassam os limites curriculares tradicionais. Para isso, é fundamental a integração equilibrada entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão, de modo a evitar uma especialização precoce e a promover uma formação mais completa e crítica dos estudantes (Rosin; Gonçalves; Hidalgo, 2017).

A organização dos grupos PET prevê a presença de um professor tutor, responsável por planejar e supervisionar, em conjunto com os estudantes, todas as ações desenvolvidas. As atividades realizadas são diversas e devem cumprir uma carga horária semanal mínima de 20 horas, conforme previsto no MOB (Brasil, 2006). Essa carga pode ser cumprida de maneiras variadas, como por meio do estudo para a graduação, do planejamento e execução de projetos, da participação em eventos, reuniões e ações conjuntas com outros grupos PET. A diversidade de tarefas e a necessidade de atuar em múltiplas frentes acadêmicas criam um ambiente formativo dinâmico, que estimula a autonomia, a interdisciplinaridade e o engajamento dos bolsistas com o meio universitário (Sousa, 2025).

A relação estreita entre os integrantes dos grupos PET e o ambiente acadêmico ainda reflete, em parte, os ideais iniciais do programa, conforme apontado por Castro (2001). No entanto, hoje essa relação está mais voltada à formação crítica e cidadã dos estudantes. Martins (2006) destaca que o modelo de ensino por tutoria adotado pelo PET favorece o desenvolvimento da

autonomia dos estudantes em relação ao próprio aprendizado, além de estimular a consciência social e a capacidade de atuação coletiva.

No contexto específico da Educação Física, o PET se mostra particularmente relevante. De acordo com o Conselho Nacional de Educação (Brasil, 2018), os profissionais dessa área devem ser capazes de planejar, executar e avaliar intervenções pautadas em fundamentos técnicos, científicos, éticos e pedagógicos, respeitando a diversidade social e cultural. Esses princípios estão diretamente alinhados com os objetivos formativos do PET, o que sugere uma forte contribuição do programa para a formação profissional dos estudantes de Educação Física. No caso do PET Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), as atividades desenvolvidas permitem aplicar, de forma prática, muitos dos conhecimentos adquiridos em sala de aula, reforçando o vínculo entre teoria e prática.

Além disso, estudos apontam que a participação no PET pode gerar impactos positivos na trajetória dos estudantes. Tosta et al. (2006) indicam que os petianos tendem a se envolver mais nas atividades da graduação como um todo, enquanto Balau-Roque (2012) destaca que o programa contribui significativamente para o desenvolvimento acadêmico e profissional dos participantes.

As atividades realizadas no grupo PET são, portanto, fundamentais para o desenvolvimento dos bolsistas. Elas envolvem tanto atividades diretamente relacionadas ao curso, quanto iniciativas institucionais mais amplas, como eventos, projetos internos e estratégias de gestão do grupo. Cada ação impacta de forma distinta a formação de cada petiano, conforme suas vivências e trajetórias individuais. Sendo assim, questionamos: como o PET EF se constitui como projeto formador e impacta no processo formativo de seus participantes?

Dessa forma, o presente estudo justifica-se por investigar de que maneira o PET EF vem impactando a formação de seus bolsistas, considerando tratar-se de um dos programas de bolsas mais antigos das universidades brasileiras. Tal compreensão possibilita intervenções em contextos específicos e contribuir para a melhoria da qualidade e do potencial do grupo PET. Ainda, sob o viés pessoal do autor, baseado em sua vivência de três anos como bolsista do PET EF e nas múltiplas experiências adquiridas nesse período. Destaca-se também, a escassez de pesquisas voltadas ao PET e aos bolsistas em atividade, uma vez que a maioria dos estudos encontrados refere-se a relatos de experiências e/ou a visão de egressos do programa.

Compreender o PET significa aprofundar-se na vida universitária e nas diversas oportunidades que ela proporciona. Assim, este trabalho busca contribuir com o fortalecimento e o progresso da universidade pública brasileira como um todo.

O presente estudo tem como objetivo analisar, a partir da organização interna do PET Educação Física, de que maneira o programa impacta a formação de seus bolsistas, considerando as percepções dos próprios integrantes. Busca-se, desse modo, interpretar como a trajetória desses participantes é marcada ao longo de seu período de vinculação ao programa.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, com abordagem descritivo-interpretativa, voltada à compreensão de como as atividades desenvolvidas no grupo PET Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) impactam a formação acadêmica dos seus bolsistas. Fundamentada na perspectiva de Flick (2004), esta abordagem busca interpretar como os sujeitos constroem significados a partir de suas experiências, considerando os contextos sociais em que estão inseridos. O autor ressalta a importância da multiplicidade de fontes e de métodos como formas eficazes para captar a complexidade dos fenômenos sociais. Dessa forma, a utilização combinada da análise documental e da análise de conteúdo justifica-se como uma boa estratégia metodológica para alcançar os objetivos propostos.

As fontes utilizadas nesta pesquisa foram compostas por documentos institucionais, trabalhos acadêmicos, cartazes, atas, documentos internos, registros fotográficos e produções diversas relacionadas ao PET Educação Física da Ufes, obtidos por meio de acesso a plataformas públicas, como sites e redes sociais, bem como por solicitação junto aos órgãos responsáveis. Além dos documentos, também utilizamos narrativas produzidas por meio de um questionário aberto e semi-estruturado (APÊNDICE 1), aplicado digitalmente via *Google Forms* aos bolsistas que participaram do programa entre os períodos de 2024/2 e 2025/1. Ao todo 15 sujeitos participaram da pesquisa, sendo que no momento da coleta de dados 11 eram bolsistas no PET e quatro já haviam deixado o programa recentemente.

A articulação entre esses diferentes materiais permitirá uma análise crítica e aprofundada sobre os sentidos atribuídos à formação no contexto do PET Educação Física da Ufes.

Inicialmente, foi realizada uma análise documental com o intuito de construir uma narrativa histórica do grupo. Esta etapa se baseará nos pressupostos de Cellard (2008), que entende os documentos como representações sociais carregadas de sentido e situadas em contextos específicos. Para tanto, consideramos elementos como a autoria, o contexto de produção, a finalidade, o destinatário, a forma e o conteúdo dos documentos analisados. Tais materiais, por serem institucionalmente produzidos, são tratados como monumentos históricos, capazes de revelar as intenções e dinâmicas que marcaram o percurso do grupo ao longo do tempo.

Posteriormente, aplicamos a análise de conteúdo às respostas obtidas com o questionário, utilizando como base teórica o método proposto por Bardin (2011). Essa abordagem permitirá transformar os dados brutos em informações organizadas, capazes de revelar padrões, sentidos e construções discursivas. A análise de conteúdo possibilita a interpretação tanto de conteúdos explícitos quanto implícitos, o que permite alcançar níveis mais profundos de compreensão sobre as vivências dos bolsistas no programa. Essa metodologia se mostra especialmente eficaz para acessar os significados atribuídos à experiência no PET e como esses se articulam com o processo de formação acadêmica.

A aplicação do método seguiu as etapas descritas por Bardin (2011): a pré-análise, na qual se realiza a leitura flutuante e organização do material, a exploração do conteúdo, fase em que os dados são codificados e categorizados e, por fim, o tratamento e interpretação dos resultados, momento em que se atribuem significados aos dados coletados, conectando-os aos objetivos da pesquisa. A categorização foi fundamental para organizar os achados de forma coerente, facilitando a articulação entre os dados empíricos e o referencial teórico 

Assim, ao conjugar a análise documental e a análise de conteúdo em uma abordagem descritivo-interpretativa, pretende-se captar tanto os aspectos estruturais, quanto subjetivos do PET Educação Física da Ufes, permitindo uma compreensão ampla e crítica sobre o impacto do programa na formação dos estudantes.

O estudo atende as normas estabelecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Ufes, sob o parecer nº 2.182.181 e vinculada ao Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 67574317.7.0000.5542. As narrativas foram captadas após assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a identidade dos participantes não foi revelada em nenhum momento, preservando seu anonimato.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO

3.1 Uma narrativa micro histórica e cultural: com “a palavra” os documentos

Conforme explicitado na metodologia deste trabalho, a análise documental do Programa de Educação Tutorial em Educação Física (PET EF) tem como recorte temporal o período entre os anos de 2018 e o início de 2025. Essa delimitação foi motivada principalmente pela troca de tutoria ocorrida em 2019, evento que marca uma mudança significativa no grupo, e também pela escolha em tomar como referência a dissertação de Gama (2018), intitulada “*O Programa de Educação Física da UFES: histórias e memórias de um projeto de formação (1994–2017)*”, reforçando a continuidade da análise histórica e formativa do grupo PET Educação Física.

Com base em documentos institucionais como os relatórios anuais do grupo (UFES, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024), realizamos um levantamento das atividades desenvolvidas, organizando-as em quatro eixos principais: ensino, pesquisa, extensão e atividades administrativas. Essa divisão permite um panorama abrangente sobre a forma como o projeto formador do PET EF foi estruturado ao longo dos anos. Observa-se, nesse período, uma prevalência de ações de extensão que se articula com ensino. Esse padrão se revela, por exemplo, na exigência de um anteprojeto de atividade como critério de avaliação no processo seletivo de bolsistas, prática vigente até o ano de 2024. Essa exigência está diretamente relacionada ao modelo de atuação predominante no grupo, cuja maioria das atividades possuía caráter voltado à comunidade.

Por outro lado, é possível perceber certa fragilidade em relação à pesquisa dentro do grupo. As ações voltadas especificamente à produção científica e a investigação acadêmica não ocuparam lugar de destaque nos relatórios anuais analisados. Um dado que reforça essa observação é a ausência do PET EF no Sudeste PET, encontro regional dos grupos PET da região Sudeste. Conforme registrado em ata do InterPET Ufes (UFES, 2025), o PET EF não participou da organização nem se inscreveu oficialmente no evento, mesmo sendo uma atividade de grande importância institucional, planejada durante meses. Tal ausência aponta para um distanciamento do grupo em relação a ações que valorizam a prática investigativa e a articulação interinstitucional.

No que se refere às atividades administrativas, embora estas não componham formalmente o tripé acadêmico (ensino, pesquisa e extensão), desempenham um papel relevante na formação integral dos bolsistas. Essas ações envolvem tarefas como organização de reuniões, elaboração de documentos internos, coordenação de eventos e gestão do cotidiano do grupo. Por exigirem competências que geralmente não estão formalizadas na grade curricular do curso de Educação Física, essas atividades contribuem de maneira significativa para o desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade e da capacidade organizacional dos petianos, sendo, portanto, um componente importante da experiência formativa proporcionada pelo programa.

A figura do tutor, segundo o MOB, é de fundamental importância para a lógica de funcionamento do grupo PET. Cabe a ele o planejamento e a supervisão legal das atividades, bem como a integração com os bolsistas durante a execução das ações propostas (Brasil, 2006). Em Gama (2018), essa importância fica evidente quando o autor demonstra, por meio da análise de seis diferentes gestões tutoriais entre 1994 e 2017, que a concepção de formação e educação física adotada por cada tutor influenciou diretamente o tipo de atividade realizada no PET EF. As falas dos ex-tutores e os documentos analisados revelam que a estrutura e o foco das ações do grupo foram moldados conforme as experiências, formações teóricas e visões de mundo de cada gestor. Os antigos tutores possuíam diferentes vínculos com as correntes pedagógicas da Educação Física, o que explica a variedade de enfoques e estratégias adotadas ao longo dos anos.

Esse mesmo aspecto parece começar a se repetir em 2025, quando uma nova mudança na tutoria do grupo foi oficializada. Ainda que se trate de um período recente, já é possível identificar mudanças na condução das atividades. Um exemplo significativo é a retirada do anteprojeto como critério de avaliação no edital de seleção de bolsistas, conforme registrado no edital de 2025 (Ufes, 2025). Essa modificação pode indicar uma tentativa de promover maior equilíbrio entre as atividades relacionadas aos três pilares do ensino superior, evitando a sobreposição de ações extensionistas sobre a pesquisa e o ensino formal. Trata-se, portanto, de um movimento que merece atenção nos próximos relatórios do grupo, pois pode sinalizar o início de uma nova abordagem pedagógica e organizacional no âmbito do PET EF.

3.2 Discursos, sentidos e representações: com a palavra os petianos

Na segunda parte desta pesquisa, com o auxílio do *software Iramuteq*, criamos uma nuvem de palavras a partir das respostas obtidas por meio do questionário aplicado aos petianos e expetianos, podendo assim ter uma referência visual de quais foram os principais tópicos citados em suas respostas. “As palavras são apresentadas com tamanhos diferentes, ou seja, as palavras maiores são aquelas que detêm maior importância no corpus textual, a partir do indicador de frequência ou outro escore estatístico escolhido” (Salviati, 2017, p. 79). Desse modo, quanto maior a palavra e mais centralizada ela se apresentar na nuvem, maior foi a incidência dela em relação a palavras menores e periféricas. Vale ressaltar que o número mínimo de aparições de uma palavra para ser representada na nuvem é três, ou seja, se uma palavra for citada menos de 3 vezes nas respostas, ela não estará na representação visual gerada.

Inicialmente, foram compiladas as respostas das perguntas 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 em um bloco de notas. As informações que o *software* nos oferece são importantes para podermos relacionar os discursos do PET EF em forma de grupo com as narrativas individuais dos petianos. Dessa forma, tratamos o PET EF como uma unidade, com discurso e narrativa próprios.

aluno (7), oportunidade (7), além (7), aquapet (7) organização (7), dificuldade (7), diabet (7), área (6), motivação (6), ajudar (6), atuação (6), colega (6) amigo (6), ensino (6), vivência (6)

Além destas, tiveram também palavras com **recorrência muito baixa e/ou mínima (entre 5 e 3)**, que aparecem de tamanho reduzido. Como já dito, esses termos também têm sua importância para a compreensão dos conteúdos, pois no presente estudo é fundamental analisar tanto a periferia, quanto o centro e as correlações estabelecidas entre os dois, no não dito de cada pista e sinal, que nos levam, conseqüentemente, aos indícios de uma “formação petiana” (Ginzburg, 2002).

As palavras que foram pouco citadas, se encontram perifericamente na figura. Enfatizamos que elas são tão importantes quanto as palavras maiores e centrais, pois nos auxiliam a entender a relação e experiências que os petianos do PET EF têm com o programa. A pouca recorrência de termos específicos pode indicar pormenores dessa relação, o que dialoga com o referencial teórico trabalhado neste estudo 

Sendo assim, com base nos dados gerados pelo *iramuteq*, dialogando com Bardin (2011) e os princípios da análise de conteúdo, propomos uma classificação de categorias para analisar as narrativas, sempre em articulação com os elementos identificados na nuvem de palavras produzida. Durante a apresentação dessas narrativas, para preservar a identidade dos participantes, substituímos os seus nomes por uma letra, sendo assim identificados como ALUNO A, ALUNO B, ALUNO C , etc.

Ao nos aprofundarmos nas respostas obtidas e relacioná-las com as outras análises presentes nesse estudo, - documental e quantitativa - conseguimos assim dar vozes aos principais sujeitos que compõem o programa; o petiano. Esse movimento é muito importante no contexto deste trabalho para entendermos como a figura protagonista do PET se vê dentro dele por meio de suas próprias falas e narrativas, e como ele acredita que, diante de sua experiência como bolsista, o programa impacta a sua trajetória durante a graduação. Nesse sentido, dar voz a quem faz o PET acontecer, relacionando o que ele é com o que deveria ser, por meio de discursos individuais e coletivos é a forma de entender os impactos formativos do PET EF da Ufes em seus bolsistas. Para tal propósito, classificamos as respostas ao questionário em três grandes categorias investigativas, a saber: **1) Motivações e aproximação**

do petiano com o programa; 2) Impactos e contribuição na formação; 3) Desafios encontrados.

3.2.1 Motivações e aproximações do petiano com o programa

Na primeira categoria, enfatizamos a pergunta dois (Como você conheceu o PET e qual foi sua motivação para fazer parte do grupo?). Desse modo tentaremos entender os motivos pelos quais os bolsistas do PET se atraíram pelo programa, o que mais chamou atenção deles em relação às atividades do PET EF.

Levando em consideração a análise das respostas dos participantes, esta seção será dividida entre as formas pelas quais os bolsistas conheceram o programa e os motivos que os levaram a integrá-lo. Dessa forma, é possível entender como o PET cria significado para esses personagens em cada momento da sua relação com o programa. Em relação à forma que conheceram o programa, pode-se destacar dois aspectos principais: 1) Influência de amigos e 2) Atividades do PET EF.

3.2.1.1 INFLUÊNCIA DE AMIGOS

Em diversos discursos foi possível ver como participantes do PET EF fazem a divulgação do programa para o seu círculo social. Se for levado em consideração que essa propaganda do PET EF é feita de uma forma positiva, pode-se associar isso à satisfação geral dos seus integrantes, ou ao menos do desejo de colegas terem a mesma oportunidade de passar pela experiência que é o PET.

O ALUNO L destaca a forma como conheceu o PET: “Através de um amigo que era bolsista e ia sair do PET. Esse mesmo amigo me falou quantas experiências o PET poderia proporcionar e me interessou bastante”.

A idéia de que o PET pode te proporcionar experiências que vão além da graduação foi recorrente no discurso dos participantes. Isso se deve a variedade de atividades que o programa engloba, principalmente em suas atividades de extensão, como descreveu o ALUNO O:

Conheci o pet dentro da própria universidade através das ações realizadas no centro do curso de educação física. Uma das minhas motivações foi poder estar mais perto das ações realizadas dentro do CEFD, uma vez que me interessava em ir além apenas das aulas oferecidas pelo curso.



3.2.1.2 ATIVIDADES DO PET EF

Outro aspecto muito relevante nos discursos dos bolsistas foi como as atividades do PET EF foram responsáveis por eles conhecerem o grupo.

O PET EF em todo início de semestre organiza, conforme os relatórios anuais do grupo (UFES, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024), uma atividade chamada “Semana de Recepção de Calouros e Semana Acadêmica”, cujo uma de suas propostas é uma integração com as turmas do 1º período do Bacharelado e Licenciatura. Nesse momento são desenvolvidas atividades práticas que envolvem o escopo da Educação Física, como dança, jogos, brincadeiras e esportes. Nesse momento o PET é apresentado aos calouros, buscando assim fazer uma aproximação do programa com quem entra no curso.

Esse fato pode ser evidenciado pela fala do ALUNO J, por exemplo: “Conheci o PET, na primeira semana de aula, através da apresentação do grupo. Foi uma semana com várias atividades de apresentação e acolhimento.”

Outras atividades pelo Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) também chegaram nos bolsistas enquanto eles ainda não entraram no programa, porém esse momento de recepção de calouros é considerado a maneira formal de se apresentar o PET a quem ingressou no curso de Educação Física na Ufes.

Já em relação ao que motivou os alunos a entrarem no PET para se tornar bolsistas, foi possível destacar três pontos: 1) bolsa; 2) viver a universidade; e 3) vivências acadêmicas complementares.

3.2.1.3 BOLSA

A bolsa do PET, que pode ser associada com sua aparição na nuvem de palavras pelo termo “bolsa”, nunca apareceu sendo única no discurso motivador de ingresso no PET, mas sempre foi atrelada a outros motivos. É interessante perceber nestes discursos a dinâmica de “tenho um motivo para entrar no PET e o PET também tem bolsa”. Dessa forma entende-se a bolsa como uma espécie de confirmação para fazer parte do projeto.

A bolsa também foi citada nos discursos no que se refere às dificuldades passadas no programa, mais especificamente em relação ao seu valor. Esse assunto não será desenvolvido neste momento pois será tratado mais adiante, quando os desafios do PET forem dialogados.¹

3.2.1.4 VIVER A UNIVERSIDADE

O “viver a universidade” também foi outro aspecto que motivou os participantes do programa a ingressarem nele. Ao olhar para a nuvem de palavras, é possível ver os termos “universidade”, “vivenciar” e “vivência”. A ocorrência desses termos está diretamente ligada com o fato dos petianos buscarem estar mais próximos da universidade ao entrar no PET. O ALUNO E diz: “[...] minha motivação foi poder vivenciar mais a vida acadêmica da Ufes, colocar em prática tudo que estudamos e a bolsa”.



Essa fala, além de ressaltar o desejo de vivenciar a universidade, também pode indicar que a bolsa é possibilitadora desse desejo. Desse modo é possível traçar um paralelo de como a bolsa do PET permite aos seus participantes viver mais a universidade.

Viver a universidade se mostra muito importante no processo formativo de um indivíduo durante a sua graduação. Segundo Frigotto (2012) a experiência universitária impacta um estudante, quando promove a construção coletiva do conhecimento e a formação integral dessa pessoa. Nesse sentido, o PET EF se coloca no papel de oportunizar essa vivência por parte de seus bolsistas, com sua vasta gama de atividades que podem ser feitas em diversas áreas da universidade.

O ALUNO H complementa este discurso, pensando na projeção acadêmica que o PET pode proporcionar:

[...] minha motivação para fazer parte do grupo foi me envolver em algum programa estudantil que me auxiliasse no meu desenvolvimento como aluno e acadêmico, me oferecendo recursos e bagagem para uma possível pós-graduação.

¹ Até 2023 o valor da bolsa PET era de R\$ 400,00, no mesmo ano o valor foi atualizado para R\$ 700,00 e perdura até o ano de 2025 (ano de escrita deste trabalho).

3.2.1.5 VIVÊNCIAS ACADÊMICAS COMPLEMENTARES

As vivências acadêmicas complementares foram um tema presente no discurso dos petianos, sobretudo quando perguntados sobre o que motivou eles a entrar no programa. Poder ter contato com temas e atividades que a graduação não engloba parece ser muito relevante quando os indivíduos consideram entrar no PET.

Essas vivências estão ligadas diretamente com o termo “prático” na nuvem de palavras. Isso deve-se principalmente, à natureza de atividades do programa, que teve um caráter extensionista nos últimos anos. Nesse sentido, a fala do ALUNO M se mostra interessante: “[...] a principal motivação foi a bolsa que o programa oferece e a oportunidade de inscrever um projeto para realizar”.

Nela, é possível notar que os bolsistas entram no programa com o objetivo de aplicar um projeto próprio, na maioria das vezes, de extensão. Esse fato está diretamente ligado com a exigência de um anteprojeto como critério de avaliação no edital do PET EF, até 2024. Este anteprojeto foi muitas vezes desenvolvido, de fato, pelo bolsista que apresentou ele ao ingressar no programa.

O ALUNO O sintetiza esses argumentos: “[...] Uma das minhas motivações foi poder estar mais perto das ações realizadas dentro do CEFD, uma vez que me interessava em ir além apenas das aulas oferecidas pelo curso.”

Desse modo, a forma que o PET EF foi apresentado aos seus participantes foi principalmente através das atividades desenvolvidas com as turmas do 1º período e a divulgação dos próprios petianos com seus círculos sociais. Em relação a entrada no grupo, em seus discursos, os participantes recorrentemente atrelaram a bolsa como um fator importante, mas não sendo único. As atividades extracurriculares que o PET proporciona e a oportunidade de viver a universidade - que está diretamente ligada com a bolsa - são fatores que também influenciaram na decisão de adentrar no grupo. 

3.2.2 Impactos e contribuição na formação

Tendo como base as perguntas quatro (Você aprendeu/desenvolveu algum conhecimento ou habilidade que não foi abordado durante a sua graduação em educação física?), cinco (O que

você acredita ser a maior contribuição do PET para a sua formação?) e seis (Pensa que o PET impactou a sua formação? Se sim, faça um resumo de como o PET impactou?), investigamos, nesta categoria, de que forma os entrevistados acreditam que o PET tenha impactado a sua formação, caso tenha impactado. Vale ressaltar que esses impactos podem ser acadêmicos, profissionais ou até mesmo pessoais (Gama e Schneider, 2021) e serão estudados a partir do ponto de vista do petiano, buscando assim dar voz a quem “vive” o programa.

Em sua concepção o PET teve uma forte relação com a formação para carreira acadêmica, sobretudo no período em que era um Programa Especial de Treinamento (1979-1999) (Gama, 2018). Atualmente, ainda existem vestígios dessa natureza acadêmica do programa, como é possível ver a partir de uma de suas normas de desligamento (Brasil, 2006), da qual define que após duas reprovações de um petiano ao adentrar no grupo, ele será desligado.

Estudos como os de Pinto et al. (2020), Carvalho et al. (2018) e Martin (2005) apontam que estudantes que participam do grupo PET apresentam melhor rendimento acadêmico após sua admissão no programa, assim, melhoram suas notas médias. Porém, segundo o MOB (Brasil, 2006), o objetivo do PET não é apenas melhorar as notas de seus bolsistas, mas sim promover uma formação ampla e de qualidade para eles, o que inclui o desenvolvimento de outras valências, que vão além do desempenho acadêmico. Consequentemente, o *modus operandi* que o grupo opta por seguir resultará na forma que o programa contribuirá na formação e trajetórias de seus bolsistas.

Observando a nuvem de palavras, notamos que as duas palavras mais citadas - (desconsiderando a sigla “PET”) - foram “projeto” e “aula”. Ao investigar o funcionamento do PET EF nos últimos anos, entende-se que suas atividades foram, como já foi mencionado anteriormente, predominantemente de extensão atrelada ao ensino, e a grande recorrência destes dois termos - “projeto” e “aula” - endossam esta ideia.

O fato do PET EF optar majoritariamente por atividades de extensão pode ser percebido pela fala do ALUNO F : “Sim tem impactado. Porém mais na área prática (extensão e ensino) [...]”. Porém na área envolvendo pesquisa, o lado mais teórico, ainda não impactou [...]”, e do ALUNO M: “Inicialmente eu imaginava que eu teria meu projeto dentro do PET [...]”. Essas

narrativas também dialogam com a autonomia que o PET EF tem como características em desenvolver em seus bolsistas, que será tratada mais adiante.

Podemos inferir como a falta de equilíbrio de atividades pode influenciar a trajetória dos bolsistas. Mesmo que essas tenham impactos positivos, o PET (Brasil, 2006) defende a indissociabilidade no que diz respeito à tríade acadêmica, baseado nos princípios estabelecidos na Constituição Brasileira e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Brasil, 1996). Sendo assim, essa indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é posta como algo primordial no que diz respeito ao desenvolvimento de atividades dentro do grupo:

Neste sentido, as partes que formam a tríade universitária perdem qualidade e eficiência quando desassociadas. A Pesquisa sem o Ensino e a Extensão para disseminar suas descobertas perde forças, enquanto a Extensão, sem a Pesquisa e o Ensino para subsidiar sua execução perde qualidade, e por fim, o Ensino sem a Pesquisa para manter-se inovador e atual, e sem a extensão para colocar seus saberes em prática, fica reduzido a mera transmissão e reprodução (BEZERRA, 2025, p.51).

Voltando à nuvem de palavras, é possível notar o termo “autonomia”, cujo qual além de ser uma palavra recorrente, foi também um tema bastante repetido no que diz respeito aos impactos do PET nos petianos, segundo os próprios bolsistas. Aqui, o fato do PET EF ter suas atividades majoritariamente sendo de extensão e ensino é reafirmado.

É perceptível que atuar nesse modelo tende a explorar aspectos que desenvolvam a autonomia do petiano, como fica explicitado na fala do ALUNO I: “A autonomia, a segurança para lidar com os conflitos emergentes em uma aula[..]”; e ALUNO C: “[..] o PET me ensinou a lidar com a autonomia, a ter segurança, e para além disso me mostrou diferentes nichos de possibilidades para a minha vida profissional.” O ALUNO N também ressalta:

Por mais que a Ufes nos oriente para dar aula, a prática constante faz muita falta. Ter uma turma só minha no PET fez eu desenvolver agilidade no desenvolvimento de planos de aula, melhor improvisação, achei minha personalidade como professora.

A aparição do termo “prático” na nuvem de palavras se mostra interessante nesse contexto, pois ele pode explicar a maneira com que os conteúdos e aprendizados são adquiridos no PET EF, “extensão” segue o mesmo raciocínio. Tal discurso fica enfatizando pelo ALUNO F:

[..] durante as aulas ministradas no projeto Acqua PET, desenvolvi muito minha comunicação, organização, criatividade e o planejamento de aulas. Acredito que, na graduação, essas habilidades dificilmente seriam tão bem trabalhadas quanto foram em uma experiência prática como essa. O PET me proporcionou vivências que me

fizeram refletir sobre a possibilidade de atuar futuramente com aulas de Natação, além de me mostrar os desafios envolvidos nesse caminho, ou mesmo na docência de outras práticas que exigem lidar ativamente com o público. Até agora, não tive na graduação nenhuma outra oportunidade que se aproximasse tanto dessa experiência “prática”.

Neste fragmento é possível ver como o programa é capaz de ensinar para além do que o ensino formal da sala de aula pode. Foram diversos relatos de petianos sobre como o PET apresentou conteúdos que não puderam ser desenvolvidos durante a graduação, como nas falas do ALUNO O: “Acredito que a maior contribuição do PET é expandir as barreiras da sala de aula, fortalecendo o nível do conhecimento adquirido na Ufes [...]”, ALUNO I: “O PET impactou a minha graduação ao proporcionar experiências que não são oferecidas pela graduação.”, ALUNO M: “[...] meu desenvolvimento na didática das aulas teve um salto evolutivo absurdo. Tudo que eu aprendia eu dava um jeito de aplicar e praticar nas aulas.” e do ALUNO F:

Acredito que a maior contribuição do PET para a minha formação foi proporcionar um espaço onde pude desenvolver habilidades que vão muito além do conteúdo acadêmico.[...] O PET me ensinou a lidar com desafios reais

O PET EF não é o único local onde esses conhecimentos podem ser adquiridos, mas o programa parece estar sendo elementar como local de desenvolvimento de habilidades e saberes que não são formalizados na grade curricular. Dessa forma, também é possível entender o contexto da aparição da palavra “graduação” na nuvem de palavras, sendo o PET um complemento a conhecimentos não presentes na matriz curricular.

Outro aspecto relevante nos discursos individuais, que pode ser captado na nuvem de palavras, é a relação pessoal que os bolsistas desenvolveram no programa. Nesse caso, os termos “petiano”, “petianos”, “pessoa”, “externo”, “comunidade” e “contato” tem conexão direta com o desenvolvimento dessa capacidade específica. Levando em conta que no contexto do grupo, que são 12 bolsistas interagindo entre si e que o PET EF tem intenso contato com o público externo em suas atividades, entende-se que a interação interpessoal é potencializada, possuindo um extenso impacto na trajetória dos sujeitos praticantes de tal cotidiano, como nos alerta Certeau (2002).

Alguns bolsistas elencaram a melhora do contato social, sendo da comunidade externa ou os próprios colegas petianos, como um dos principais impactos que o programa causou neles. O

ALUNO O afirma: “Acredito que a maior contribuição do PET é [...] assim como o desenvolvimento interpessoal, uma vez que você tem um contato direto com outros petianos e com a comunidade externa[...]”, ALUNO C: “O PET me ajudou a ser mais segura em dar aula e a lidar com diferentes públicos.”, ALUNO K “[...] impactou de uma maneira que eu pudesse descobrir como era realmente o meu contato com o público externo através da educação física” e o ALUNO E “[...] a lidar mais com as pessoas.”

Fica evidente, no discurso dos membros, as contribuições do PET para o desenvolvimento de competências interpessoais, gerando assim um amadurecimento das relações sociais e construções de estratégias de convivência, desenvolvendo o que Bernard Charlot (2000) considera como saberes relacionais, ou seja, saberes contidos nas relações com o outro, com o mundo e consigo mesmo em um constante processo de aprendizagem e que constitui figuras do aprender. É possível perceber mais uma vez a atribuição do desenvolvimento desses saberes específicos com a natureza de atividades desenvolvidas pelo PET EF.

A fala do ALUNO J correlaciona os discursos de desenvolvimento de relações humanas com a autonomia que o programa provoca em seus participantes:

[...] As habilidades que desenvolvemos, as relações que cultivamos e o envolvimento com o curso e a universidade trazem um diferencial na formação.

Ressalto 2 pontos:

1)Trabalhar em equipe,

2) A possibilidade de criar projetos diversos e que possam surgir de nossas ideias

Se feito de maneira correta, tende a dar empoderamento para o petiano. Torná-lo emancipado para vivenciar o mundo do trabalho e suas diversidades e adversidades.

Essa fala se mostra ampla em relação a percepção dos impactos que o bolsista entende que o programa incide sobre ele e como o PET é um diferencial na formação. Mas ele ressalta que isso acontece se for feito “de maneira correta”. Podemos perceber nesse vestígio os indícios de que nem todas as atividades causaram os devidos impactos positivos nos bolsistas.

Ao revisitar a nuvem de palavras, notamos como os termos “experiência”, “conhecer”, “possibilidades” e “vivências” se alinham com um discurso de variedade de atividades do PET EF. Apesar de ser ressaltado em diversos momentos que as atividades do grupo eram em sua maioria de projetos de extensão, isso não quer dizer que o grupo era exclusivamente extensionista.

Podemos perceber uma narrativa, por parte dos bolsistas, de como a variedade de conteúdo foi impactante no seu processo formativo dentro do grupo, sejam esses conteúdos com projetos de extensão, mas também vindo de atividades de outro caráter, conforme as narrativas a seguir:

ALUNO A “As diversas experiências que agregam no conhecimento que vai ser construído, a partir das vivências.”, ALUNO D “A liberdade de conteúdos que podemos aprender/oferecer” e ALUNO H “A possibilidade de eu trabalhar com as diversas possibilidades dentro do universo acadêmico. A diversidade de atividades que o PET oferece, me dá condição de descobrir coisas que gosto e que não gosto de fazer.” 

É possível, mais uma vez, relacionar esse fato com a autonomia dos bolsistas e liberdades que os bolsistas tiveram ao desenvolver suas atividades. A fala do ALUNO N se mostra especial nesse contexto:

Através do PET eu fui a um congresso de dança na Bahia, chamado ANDA, levei o projeto dança Ufes como um artigo de relato de experiência. Essa viagem e esse evento mudaram minha vida e me ajudou a decidir o que eu realmente amo fazer. Tudo isso graças a liberdade criativa e ao apoio do PET e tutor da época.

Nesse caso é possível perceber como o PET e a figura do tutor foram importantes na trajetória deste petiano e de outros. O tutor, em especial, se coloca de maneira curiosa perante ao programa, pois, mesmo não sendo protagonista do PET, ele tem papel fundamental no seu funcionamento:

Nossas análises apontam que é provável que o planejamento, a sistematização e materialização das práticas do PET EF se deram por meio do tripé acadêmico ensino-pesquisa-extensão e que as práticas do grupo são atravessadas e determinadas por ações dos homens ao longo do tempo. Entendemos que essas ações estão ligadas aos atores que ocupavam uma posição de estratégia no programa, em relação aos bolsistas e aos discentes dos cursos em que se inseriam, **os tutores** (GAMA, 2018, p.126) [grifo nosso].

Diante disso, é perceptível como o tutor tem um impacto na trajetória do petianos, podendo moldar e construir sentido em suas experiências durante seu período no programa. Tal situação fica evidente na fala do ALUNO J: “Um ponto importante que acho legal comentar é como o tutor pode influenciar a experiência do petiano no programa.”

A diversa gama de conteúdos também foi um diferencial dentro do programa, a liberdade para escolher com o que atuar foi muito citada entre os bolsistas. Dessa forma, observa-se que o PET EF exerce um papel significativo e multifacetado na formação de seus bolsistas, atuando não apenas como complemento à grade curricular, mas como espaço privilegiado de desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal.

As narrativas analisadas evidenciam que, por meio de vivências práticas, contato com diferentes públicos, estímulo à autonomia e o desenvolvimento de projetos, o programa amplia horizontes e potencializa competências que dificilmente seriam exploradas de forma tão intensa no contexto restrito da graduação. Ainda que existam desafios em relação ao equilíbrio da tríade pesquisa-ensino-extensão, o PET EF demonstra ser um ambiente fértil para o fortalecimento de saberes relacionais e habilidades técnicas, consolidando-se como um agente transformador na trajetória dos petianos e contribuindo de maneira efetiva para sua formação integral.

3.2.3 Desafio encontrados

Aqui a pergunta sete (Quais os principais desafios ou dificuldades que você encontrou/vem encontrando durante seu período no programa? Como lidou com isso? Justifique sua resposta) será a base de estudo. Buscaremos evidenciar quais os principais desafios apontados pelos participantes durante seu período no programa. De antemão, é importante entender que ao olhar para a nuvem de palavras, os termos que se relacionam com as dificuldades encontradas pelos petianos no programa tendem a ter menor recorrência. Isso se deve ao fato de ter apenas uma pergunta dessa natureza no roteiro desenvolvido, mediante a isso é necessário olhar de maneira crítica e contextualizada para a nuvem de palavras, localizando o que está na periferia, no não dito e, conseqüentemente, nas pistas e sinais (Ginzburg, 2002).

Ao ler e investigar os discursos em relação às dificuldades no programa, é possível notar quatro aspectos principais nas narrativas dos bolsistas, que se caracterizam como subcategorias por nós localizadas. 1) Dificuldades ao conciliar o PET com o cotidiano; 2) sair da zona de conforto; 3) valor da bolsa; 4) pesquisa.

3.2.3.1 DIFICULDADES AO CONCILIAR O PET COMO O COTIDIANO

Em relação ao primeiro ponto, é pertinente ressaltar que o MOB (BRASIL 2006) estabelece que os participantes do programa devam cumprir 20 horas semanais dedicadas ao PET. Estes momentos podem ser por meio de estudos para a graduação, planejamento de atividades do próprio PET, reuniões do grupo, eventos, entre outros. Os termos “lidar”, “conciliar” e “organização” dialogam com essa dificuldade que os petianos relataram enfrentar para cumprir suas obrigações dentro do programa. Conciliar o PET, com a graduação e vida social pareceu ser um desafio para muitos bolsistas. Os alunos F e K ressaltam essa dificuldade:

Para mim, o tempo sempre foi um desafio. Conciliar a vida na graduação com as atividades do PET, outros trabalhos e, além disso, ainda ter tempo para mim mesma, para cuidar da minha saúde, estar com a família, amigos e com o meu namorado...
(ALUNO F)

Manter as 20 horas semanais, era muito difícil me dedicar para cumprir as horas porque eu tinha muitas aulas, tinha que dar aulas a noite e morava em vila velha, então pra não perder tempo ficava o dia inteiro na Ufes estudando e depois dava a aula e ia pra casa. Era muito cansativo chegar às 7h e sair às 20h. (ALUNO K)

Analisando a estrutura organizacional do PET EF e seu funcionamento do cotidiano, verifica-se que a dinâmica da licenciatura e do bacharelado gera algumas problemáticas em relação ao funcionamento pleno das atividades do programa. Como os alunos de licenciatura têm aula pela parte da manhã e os do bacharelado no período noturno, a parte da tarde é o único tempo livre que o grupo tem para desenvolver suas atividades. Isso desencadeia, em alguns casos, pouca flexibilidade em certas atividades. Vale ressaltar que, apesar de mudanças profundas em sua concepção, o PET ainda entende que seus participantes têm de apresentar excelente rendimento acadêmico no curso de graduação. O ALUNO O destaca o desafio de participar de todas as atividades que o PET o exige, além das que a universidade demanda:

De certa forma, participar do programa também eleva nossas obrigações e atividades semanais desenvolvidas na universidade, e isso acaba sendo um desafio em conciliar com os estudos regulares e os outros estágios externos da Ufes. A carga horária semanal exigida acaba sendo uma barreira para conciliação de todas as suas obrigações da universidade, mas algo que pode ser contornado com organização do trabalho.

É interessante ver como o ALUNO O entende que este desafio é algo a ser contornado, através da organização do trabalho. Assim é possível constatar que mesmo tendo “dificuldades” dentro do programa, essas adversidades podem impactar de forma positiva a trajetórias dos petianos.

3.2.3.2 SAIR DA ZONA DE CONFORTO

Sair da zona de conforto foi outro tópico muito citado no discurso dos bolsistas em relação às dificuldades do programa.

White (2009, p.2) disserta sobre o conceito de zona de conforto. O autor defende que o termo se refere a um estado comportamental, cujo uma pessoa opera sem nenhum grau de ansiedade e usando comportamentos limitados para atingir nível estável de desempenho. Do mesmo modo, caso haja mudança na “ansiedade” ou nas habilidades aplicadas, o nível de desempenho também terá mudanças, podendo ser positivas ou negativas.

No contexto do PET EF, pode-se entender este movimento como um corroborado no processo de desenvolvimento da autonomia por parte dos petianos - como já investigado anteriormente -, porém ainda existe um traço conflituoso nessa relação, principalmente entre os bolsistas recém-ingressados no grupo.

Ao se olhar para a nuvem de palavras, é possível relacionar o “sair da zona de conforto” com os termos “conforto” e “adaptar”. Essa dificuldade não é em algo específico, ela pode se apresentar em vários âmbitos dentro do programa, como no ALUNO G: “A de me adaptar a determinadas práticas que eu não estava acostumada.”

Nesta fala, nota-se que participar de práticas que não tinha conhecimento foi o que fez o ALUNO G sair da zona de conforto; já o ALUNO I relata outro motivo: “Acredito que a maior dificuldade em ser bolsista do PET é de fato sair da zona de conforto e aprender a resolver situações por si só [...]”

Na fala do ALUNO I percebe-se que ele saiu da zona conforto ao ter que desenvolver autonomia para lidar com situações dentro do programa.

O fato de o PET ter atividades que dizem respeito apenas ao PET também parece gerar certo sentimento de desorientação em alguns participantes. A fala do ALUNO J exemplifica bem isso:

No início, me sentia perdido, mas com o tempo fui me encontrando. Nessa fase, existe um desafio inevitável: chegar no meio da viagem, sem saber muito bem como as coisas funcionam. Pois o PET tem muitas atividades particulares que dizem respeito a ele próprio. Exemplo: Mobiliza, InterPet e EnaPet.

Ser um grupo multifuncional que pode atuar de diversas formas e frentes talvez possa endossar essa sensação de desorientação. Nesse sentido, pode-se observar a zona de conforto em relação aos petianos como uma questão de dupla natureza. Apesar de se caracterizar como um processo trabalhoso, ele é por muitas vezes recompensador, no que diz respeito às contribuições ao processo formativo dos bolsistas no programa.

3.2.3.3 VALOR DA BOLSA

Outro aspecto citado foi o valor da bolsa. Entre os termos que dizem respeito às dificuldades do programa, “bolsa” foi o mais citado. Atualmente, o valor mensal da bolsa é de R\$700,00, sendo que até março de 2023 o valor era de R\$400,00. Nesse sentido, o ALUNO J traz um questionamento importante a respeito do valor da bolsa:

Outro problema, que está correlacionado com a questão de recursos e de política de valorização da Educação, e que desencadearia em soluções para além dele: é o valor da bolsa.

Na minha opinião a bolsa deveria ser no valor de um salário mínimo para possibilitar que os alunos possam dedicar seu tempo de maneira integral para o projeto e viver com dignidade. Isso, impulsionaria o interesse dos alunos no programa e, além disso, possibilitaria que pessoas de baixa renda, que tem que se desdobrar em dois estágios, ou em um emprego formal, poderiam ter a vivência e todos os bônus mencionados acima sobre o PET (Programa de Educação Tutorial).

Nesse discurso é interessante ver que ele cita o fato de alunos de baixa renda terem que ter estágios além do PET para complementar renda, fato esse que prejudica a vivência plena dentro do programa. Como já apontado anteriormente, o PET EF tem um modelo de tempo disponíveis um tanto engessado, sendo majoritariamente no período da tarde, sendo assim, algum aluno que tem que estagiar para complementar renda, por subsistência nesse período, estaria prejudicando sua trajetória dentro do programa, e também, de certa forma, o funcionamento do próprio grupo. Dessa forma, em alguns momentos os grupos PET optam por priorizar estudantes que não têm ocupações fora a universidade, o que é um privilégio, para essas pessoas.

Nesse momento, vale o seguinte questionamento: é justo que um programa como o do PET, que endossa a formação de cidadãos com ampla visão de mundo e com responsabilidade social (BRASIL 2006), opte por “excluir alunos” com o valor da bolsa ao não garantir sua estabilidade? O ALUNO L traz isso à tona:

A maior dificuldade que encontrei foi a questão financeira. Apesar de recebermos uma bolsa de 700 reais, ainda não é um valor que consigo me manter aqui. Sou de outro estado e moro sozinho de aluguel, a bolsa infelizmente não paga todas as contas e torna muito complicado me sustentar somente com o valor da bolsa.

De fato, não é justo que bolsistas recebam o mesmo valor e tenham cargas de atividades diferentes dentro do programa, porém, ao excluir os candidatos por não conseguir se dedicar exclusivamente ao PET, percebemos uma ação que vai de encontro aos valores do programa, principalmente por conta de serem atividades realizadas com o intuito de subsistência. Frigotto (1995, p.79) nos alerta que: "O acesso à universidade pública ainda é fortemente marcado por desigualdades de classe, raça e origem social, evidenciando que a meritocracia, muitas vezes, mascara mecanismos estruturais de exclusão."

Como o ALUNO J disse, o aumento da bolsa poderia possibilitar alunos de baixa renda a vivenciar mais o programa, sem ter que se desdobrar em outros estágios ou empregos. Para que se tenha uma ideia, Gama (2018) e Gama e Schneider (2021), expõe que o valor de uma bolsa PET no ano de 1996 era de R\$ 240,00, o que correspondia ao dobro de um salário mínimo na época, enquanto nos dias atuais (2025) esse valor é de R\$ 700,00, o que não chega a representar meio salário mínimo. Vale ressaltar que até 2023 esse valor era de R\$400,00, fato que evidencia ainda mais a discrepância no valor pago aos bolsistas ao longo do tempo. (Brasil, 2023)

Nota-se ainda que o programa, quando foi marcado pela busca de uma elitização intelectual e formação especialmente acadêmica, foi extremamente valorizado financeiramente, ao passo que, quando passou por mudanças que resultaram em uma visão de formação mais ampliada e social, o projeto foi fortemente desvalorizado economicamente.

3.2.3.4 PESQUISA

A pesquisa também foi algo em comum em alguns discursos, especificamente com relação à falta dela. Nota-se a recorrência do termo “pesquisa” na nuvem de palavras, sua aparição parece se relacionar com sua carência nas atividades que englobam o PET EF.

Este discurso está muito evidente nas falas dos petianos, como é possível ver pela fala do ALUNO A: “O principal desafio é a escrita acadêmica.” É interessante também a fala do ALUNO C sobre mudanças ocorrendo dentro do PET EF:

[...] O desafio que encontro no momento é gostar do novo modelo que está sendo instalado no PET, pois estava acostumada com o funcionamento de uma forma e agora estamos passando por mudanças de funcionamento interno, e estou buscando aprender a gostar do novo, e entender a importância que o novo modelo traz.

Tentando desvelar as camadas contidas em tal narrativa, pode-se perceber que ela se põe em um processo interno de mudança de tutoria e as transformações que esse período acarreta. Levando em consideração que o PET EF tinha seu planejamento baseado em atividades de extensão majoritariamente, esse novo modelo parece romper com essa ideia.

O ALUNO D relaciona a influência do tutor com o modelo de funcionamento do PET EF e como isso impactou sua trajetória.

Minha maior dificuldade foi me envolver mais na questão de pesquisa. Poderia ter aproveitado melhor meu tempo no programa para escrever/publicar artigos e não dei muita atenção para essa parte. Na época o tutor enfatizou muito a extensão e deixamos um pouco de lado as questões da pesquisa.

A literatura é enfática com relação a importância da pesquisa no contexto acadêmico. Demo (2000, p.25) afirma em sua obra que não há aprendizagem de qualidade sem autoria, de modo que, um conhecimento só se torna significativo quando o estudante se apropria criticamente dele. Nesse sentido, o autor aponta a pesquisa como um caminho para que o estudante desenvolva sua “capacidade reconstrutiva”, que aqui é visto como o ato de refazer o conhecimento em vez de apenas consumi-lo. Podendo assim ser vista a importância da pesquisa acadêmica no contexto do PET EF

Desse modo, em síntese, os desafios enfrentados pelos bolsistas do PET EF giram em torno da conciliação de múltiplas demandas, da superação da zona de conforto, das limitações financeiras impostas pelo valor da bolsa e da ausência de uma cultura mais consolidada de pesquisa dentro do programa. Tais desafios, embora tragam tensões, também são espaços potentes de formação. A superação dessas dificuldades está diretamente ligada ao fortalecimento da formação integral proposta pelo PET, especialmente quando há equilíbrio entre ensino, pesquisa e extensão.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS DOS/COM PETIANOS

Após estudar a trajetória dos petianos, foi possível elucidar os principais aspectos do programa que se ligam com o bolsista. Partindo de sua entrada no grupo e perpassando pelos seus impactos e desafios, entendemos como o PET EF relaciona os seus personagens durante sua trajetória, para assim compreender como o programa impacta a formação de seus sujeitos.

Desse modo, ao concluir a pesquisa, tentaremos, com o auxílio dos discursos individuais dos participantes do PET EF, responder às seguintes perguntas: O que é ser Petiano? e O que é o PET?

Essas perguntas dialogam diretamente entre si. Talvez por se tratar de um programa muito diverso, que passou por mudanças estruturais e ideológicas desde sua concepção até os dias atuais (GAMA, 2018), esta resposta não chega a ser tão fácil de se obter.

4.1 O que é ser Petiano?

Nesse contexto, com base nas falas de meus colegas de programa, buscarei expressar, a partir de uma construção coletiva, o que ser petiano representa para nós, os próprios petianos.

Para quem passou pelo PET EF no período amostral da pesquisa, o programa representou diferentes coisas. Isso deve-se ao fato de cada indivíduo ter uma experiência própria, porém certas afirmativas parecem mostrar um padrão dentro do grupo no que diz respeito à representação do ser petiano. O ALUNO N destaca:

Ser petiano é um processo de metamorfose, eu vi muitos chegarem extremamente tímidos e calados e agora são mais soltos e extrovertidos, não apenas dando aula, mas no dia a dia também. O PET prepara a gente para outras coisas [...]

Nessa fala é possível ver como esse bolsista atribui esse processo de transformação pessoal ao fato de ser petiano, atrelando a participação no grupo com os impactos do programa. Fato esse deve-se muito a pluralidade de vivências cotidianas que o PET proporciona, principalmente por serem 12 bolsistas convivendo entre si.

O ser petiano também parece se relacionar muito com esses indivíduos na questão social. O PET tem como preceitos trabalhar o lado social de seus bolsistas (BRASIL, 2006), dito isso, foi possível perceber na fala dos participantes um sentimento de contribuição para sociedade.

Nesse sentido, destaco aqui as falas dos ALUNOS I, L, M e D, respectivamente: “Ser Petiano é estar disposto a desenvolver conhecimentos que possam impactar a sociedade e de alguma forma ajudar a transformá-la” (ALUNO I); “É poder se ajudar ao mesmo tempo de ajudar outras pessoas, ajudar nas questões acadêmicas, profissionais e pessoais” (ALUNO L); “Ser petiano é contribuir para a comunidade, principalmente por meio dos projetos que são ofertados” (ALUNO M); “É poder disponibilizar experiências para a comunidade externa e interna da Ufes, mostrando que a universidade é um local para todos [...]” (ALUNO D).

É interessante ver como o lado social e humano foi enfatizado pelos bolsistas quando perguntados sobre o que é ser petiano. Isso diz muito sobre a mudança que o PET passou; de Programa Especial de Treinamento para Programa de Educação Tutorial (Castro, 1994; Dessem, 1995; Gama, 2018).

Os petianos também se vêem na posição de fazer parte do PET como uma oportunidade de ser um estudante à frente dos demais.

(Ser petiano é) Uma oportunidade de bolsa para viver experiências além da sala de aula, complementando a graduação tradicional, ir além do “básico”. É uma vivência que envolve o tripé acadêmico — ensino, pesquisa e extensão — com a orientação de um tutor e o apoio dos colegas petianos. Um jeito de aprender na prática, crescer como estudante e como pessoa (ALUNO F).

O ALUNO F consegue englobar em sua fala o fato de considerar o PET uma oportunidade de ser um aluno acima de média, a importância de seus colegas e tutor e como os seus impactos vão além do meio acadêmico. Nesse sentido, fica evidente as múltiplas dimensões que o PET EF tem impactado os seus bolsistas no sentido de criação de identidade.

Ainda neste sentido, o ALUNO O complementa:

Ser petiano para mim é assumir a posição de um acadêmico que quer ir além do grade curricular obrigatória, um acadêmico que se preocupa com o desenvolvimento da pesquisa, mas também com a aplicabilidade de tudo que é discutido dentro da sala de aula. É levar para a sociedade o que é desenvolvido na universidade federal para além de uma simples formação pessoal.

Mais uma vez, é possível ver como a narrativa de uma formação global e diferenciada é valorizada pelos seus bolsistas. Dentro do programa existe a consciência de que o PET é um

projeto formador e busca essa formação ampliada de seus participantes, o que é muito importante no sentido de autonomia deles. Finalizo essa seção com a fala do ALUNO J, que expressa bem o que é ser petiano:

[...] Para mim essa definição ainda está em construção. Dentro disso, posso dizer, ser Petiano é: fazer parte de um dos maiores e mais abrangentes programas de Educação no Brasil, em escala nacional; ter o privilégio de vivenciar uma universidade pública gratuita e de qualidade, e prezar e lutar para que nossas próximas gerações tenham também essa possibilidade; é ter a autonomia, em algum grau, de criar e co criar; é poder errar e acertar, colhendo o fruto dessas ações, sem uma padronização de atividades que estão presentes em atividades de estágio externas à Universidade.

4.2 O que é PET?

Nesse contexto, com base em minha experiência vivida ao longo de três anos no PET EF, proponho-me a apresentar, sob minha ótica, o que é o PET.

Em fevereiro de 2022, quando entrei no PET, a Ufes ainda não tinha voltado para a modalidade presencial, por conta da pandemia de covid-19. E mesmo quando voltou, as atividades em si foram sendo retomadas aos poucos, porém isso não chegou nem perto de ser um problema em relação ao que o PET pôde me proporcionar. Acredito que poucos bolsistas puderam ter o privilégio de atuar na gama de atividades que atuei. Ao menos durante meu período no programa, não conheci ninguém que pudesse.

Já dei aula de esportes diversos para crianças, adultos e idosos, ministrei minicursos e oficinas, organizei eventos esportivos para a comunidade do CEFD, participei de instâncias organizacionais representando o PET EF dentro do PET Ufes, fiz parte da organização de eventos do PET a nível regional na Ufes, fui para eventos do PET fora do estado, escrevi trabalho acadêmico, participei de projetos de ensino, entre outras coisas.

Dado este contexto, a fim de demonstrar como foi rica a minha passagem pelo programa, gostaria de associar essa riqueza de variedades de atividades a dois fatores principalmente; a natureza do programa e a individualidade do petiano.

Primeiramente o PET por natureza te permite viver tudo isso. Diferente de outros programas dentro da universidade, o PET não tem um foco específico, o que permite que sua área de

atuação seja muito ampla. Isso traz muitos benefícios para os participantes, permitindo ter contato com muitas coisas diferentes. Poder ter a liberdade para se relacionar com áreas que não estão na grade curricular, sem ter a burocracia que a graduação tem para incluir coisas nela, vejo como uma grande vantagem do PET.

Outro fator que atribuo a tantas atividades que passei é a minha vontade pessoal de ter essas experiências. Obviamente o tempo que eu estive no programa - que é acima da média para os padrões atuais - colaborou muito para isso, porém vi muitos casos de colegas que não buscaram vivências tanto quanto eu. O PET te dá muita autonomia, porém cabe ao bolsista escolher o que fazer com essa autonomia; seguir por um caminho mais fácil, que não vai privilegiar tanto sua vivência dentro do grupo ou por um caminho mais cansativo que pode te dar muito mais experiência. Por isso vejo o PET como uma oportunidade, o que cada pessoa faz com essa oportunidade, cabe a ela.

Isso leva a outro ponto que converge diretamente com o que é o PET. O PET é um grupo formado por pessoas, que tem seu potencial de ação e impacto diretamente ligado com o perfil de pessoas que estão no grupo. Essa é a visão que tive ao ver as diversas formações de grupo do PET EF durante esses três anos no programa. As pessoas impactam diretamente como o grupo atua, logo é impossível desassociar o grupo de quem está nele.

Dessa forma, pode-se entender o PET como um projeto formador, que o bolsista, ao buscar um complemento na sua graduação, esbarra com um programa que tem o potencial de mudar suas perspectivas dentro da universidade. Potencial, pois o sujeito petiano é a figura central no que tange essa formação diferenciada, sem sua vontade própria de viver o que o PET te proporciona, a sua passagem pelo programa será carente.

Vale ressaltar que essa formação não é só acadêmica, é humana e social. Essa formação vai de encontro com o que é estar em uma universidade federal, gozar dos privilégios de ser um bolsista de um programa diversificado que é o Programa de Educação Tutorial e devolver para a sociedade o que é investido em você.

Além do que está oficializado no MOB (BRASIL, 2006), acredito que ser petiano tenha muitos significados informais. Retribuir à sociedade, ser um estudante consciente e estar

sempre em busca de algo a mais define bem o que não é dito pelo manual, mas é visto na prática.

Finalizando este trabalho, finalizo também minha passagem pelo PET EF. Nestes três anos tive muitos aprendizados, por parte de meus vários colegas e amigos que fiz no programa. Meus dois tutores também foram muito importantes; por acaso eles tiveram perfis distintos e isso foi muito construtivo para minha formação. Os momentos ruins também foram essenciais para eu me desenvolver como pessoa e estudante, pois são nesses momentos que adquirimos aprendizados. O PET moldou minha vida na universidade, entendo que nem todos que passam por ele são impactados dessa forma, porém gostaria que todos pudessem ter a oportunidade de viver o que vivi.

Para mim, ser petiano significa integrar um projeto formador repleto de possibilidades, que oferece a oportunidade de vivenciar a universidade em sua plenitude e usufruir dos frutos que essa experiência proporciona nos âmbitos acadêmico, social e humano. Trata-se de assumir uma postura ativa diante da formação, buscando constantemente ir além das demandas formais da graduação.

Ao ingressar no grupo, o bolsista assemelha-se a uma tela em branco, cuja trajetória é construída a partir das vivências proporcionadas pelo programa. Nesse sentido, ser petiano implica estar aberto e comprometido com as experiências que o PET disponibiliza, reconhecendo seu potencial transformador e utilizando-o como ferramenta para o desenvolvimento integral durante a permanência na universidade.



5. REFERÊNCIAS

- BALAU-ROQUE, M. M. **A experiência no Programa de Educação Tutorial (PET) e a formação do estudante do Ensino Superior**. Porto Alegre: Unicamp, 2012.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez. 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Programa de Educação Tutorial-PET**: manual de orientações básicas. Brasília: MEC, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES nº 6, de 18 de dezembro de 2018. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Educação Física. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 244, p. 49–51, 19 dez. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 4, de 29 de março de 2023. Dispõe sobre alterar a Resolução CD/FNDE nº 42, de 4 de novembro de 2013. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 mar. 2023.
- CARVALHO, C. R. et al. O Programa de Educação Tutorial (PET) no contexto da crise econômica brasileira. **Extensão em Foco**, v. 1, n. 15, 2018.
- CASTRO, L. M. C. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores. **Reunião anual da ANPED**, v. 27, p. 1–16, 2004.
- CELLARD, M. A. **Análise documental**: uma introdução. São Paulo: Cortez, 2008.
- CERTEAU, M de. **A invenção do Cotidiano**: Artes de fazer. 7 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.
- CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre/RS: Editora Artmed, 2000.
- DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 1996.
- DESSEM, M. A. O Programa Especial de Treinamento (PET): evolução e perspectivas futuras. **Didática, São Paulo**, v. 30, p. 27–49, 1995.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRIGOTTO, G. **Universidade e formação humana**: compromisso com a transformação social. São Paulo: Cortez, 2012.

GAMA, J. C. F. O Programa de Educação Tutorial Educação Física da Ufes: histórias e memórias de um projeto de formação (1994 – 2017). 2018. 192 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

GAMA, J. C. F.; SCHNEIDER, O. O Programa de Educação Tutorial e a Educação Física: alunos egressos e as relações com o saber. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 215–230, 2021.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MARTIN, M. G. M. B. **O Programa de Educação tutorial-PET**: Formação ampla na graduação. Ministério da Educação. Poder Executivo, DF. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php>, 2005.5.

MARTINS, I. L. Reflexos da educação tutorial na formação universitária. In: **XVIII Encontro Regional Sul do Fórum de Pró-Reitores de Graduação (FORGRAD)**, Maringá, 2006.

PINTO, G. F. et al. O impacto do Programa de Educação Tutorial no desempenho acadêmico dos seus integrantes. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 5, p. 46016–46027, 2021.

ROSIN, S. M.; GONÇALVES, A. C. A.; HIDALGO, M. M. Programa de Educação Tutorial: lutas e conquistas. **Periódicos UFSM**, Maringá, PR, v. 1, ed. 3, 2017.

SALVIATI, M. E. **Manual do Aplicativo Iramuteq**: compilação, organização e notas. Iramuteq.org, Planaltina, DF, v. 31, 2017.

SOUZA, M. B. O programa de educação tutorial (PET) na percepção dos petianos egressos do grupo PET/Educação Física da UFMS: uma análise narrativa. 2025.119 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2025.

TOSTA, R. M. et al. Programa de Educação Tutorial (PET): uma alternativa para a melhoria da graduação. **Psicologia para América Latina**, n. 8, p. 0–0, 2006.

WHITE, A. From comfort zone to performance management. **White & MacLean Publishing**, 2009.

FONTES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Centro de Educação Física e Desportos. **Ata de reunião administrativa do InterPET**. Vitória, 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Centro de Educação Física e Desportos. **Editais de seleção de bolsista nº 12/2024 do grupo PET EF**. Vitória, 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Centro de Educação Física e Desportos. **Editais de seleção de bolsista nº 13/2025 do grupo PET EF**. Vitória, 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Centro de Educação Física e Desportos. **Relatório de atividades grupo PET EF 2018**. Vitória, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Centro de Educação Física e Desportos. **Relatório de atividades grupo PET EF 2019**. Vitória, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Centro de Educação Física e Desportos. **Relatório de atividades grupo PET EF 2020**. Vitória, 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Centro de Educação Física e Desportos. **Relatório de atividades grupo PET EF 2021**. Vitória, 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Centro de Educação Física e Desportos. **Relatório de atividades grupo PET EF 2022**. Vitória, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Centro de Educação Física e Desportos. **Relatório de atividades grupo PET EF 2023**. Vitória, 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Centro de Educação Física e Desportos. **Relatório de atividades grupo PET EF 2024**. Vitória, 2024.

6. APÊNDICE

APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Nome, curso, período e quando você ingressou no grupo?
2. Como você conheceu o PET e qual foi sua motivação para fazer parte do grupo?
3. Quais atividades você já participou pelo PET como bolsista? Teve alguma mais significativa?
4. Você aprendeu/desenvolveu algum conhecimento ou habilidade que não foi abordado durante a sua graduação em educação física?
5. O que você acredita ser a maior contribuição do PET para a sua formação? Justifique sua resposta:
6. Pensa que o PET impactou a sua formação? Se sim, faça um resumo de como o PET impactou?
7. Quais os principais desafios ou dificuldades que você encontrou/vem encontrando durante seu período no programa? Como lidou com isso? Justifique sua resposta:
8. O que é ser Petiano para você?
9. Tem algo que não foi perguntado e que você gostaria de registrar?

DAVID OLIVEIRA ROCON

**IMPACTOS FORMATIVOS DO PET EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFES:
UM OLHAR SOBRE A EXPERIÊNCIA DOS SEUS BOLSISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Bacharelado em Educação Física, do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

Aprovado em 19/08/2025

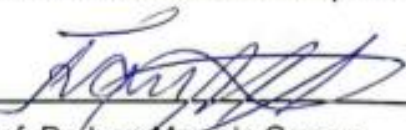
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Jean Carlos Freitas Gama
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador



Prof. Dr. Omar Schneider
Universidade Federal do Espírito Santo



Prof. Dr. Ivan Marcelo Gomes
Universidade Federal do Espírito Santo